

AS CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE DE ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO A PARTIR DOS ESTUDOS DE FURLANI

Thayná de Aguiar Roma¹
Aurino Lima Ferreira²

RESUMO: O presente trabalho visa compreender as concepções de sexualidade de estudantes do curso de pedagogia da UFPE, assim como apresentar as temáticas da área que @s participantes teriam mais dificuldades em trabalhar em sala de aula. A metodologia foi de cunho qualitativo, utilizando-se do questionário como instrumento de pesquisa. A amostra foi intencional e composta de 28 participantes. Os resultados indicam que maioria d@s estudantes investigad@s tem uma concepção mais conservadora da sexualidade, sendo incluídos dentro de visões moral-tradicional, biológico-higienista e religioso-radical, sendo que @s participantes mais jovens os que mais apresentam estas visões. As temáticas que alegam ter mais dificuldades em abordar, como educação de gênero, práticas ou atos sexuais (oral, anal.) e violência sexual são pauta dos discursos conservadores. Visões de sexualidade na ótica dos direitos humanos e sexuais e emancipatórios também foram encontradas. Assim como percepções que mesclavam duas categorias, denominada de híbrida.

Palavras-chave: Educação; Sexualidade; Concepções de sexualidade.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade é um fenômeno humano que está presente na vida de todos. @educad@r é desafiad@ constantemente a ampliar sua formação de maneira a incluir os estudos da sexualidade. Neste sentido, esta pesquisa intenciona abordar as concepções de sexualidade de estudantes do curso pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco no intuito de ampliarmos nossas visões acerca desta temática.

O interesse pelo tema surgiu a partir de vivências nas aulas de Sexualidade e Educação, quando ocorreu a primeira aula, onde foi feito questionamentos sobre a sexualidade de um modo amplo, o professor perguntava e debatia-se sobre os seus múltiplos conceitos, assim como abordá-la em sala de aula. Tudo isso de maneira simples, de forma a incluir a ética do cuidado nas relações com todos os envolvidos no processo educacional. A partir disso foi perceptível uma interação muito boa entre @s discentes, mesmo diante de um assunto que ainda existe um tabu.

É muito importante tentar compreender quais as concepções que estudantes tem da sexualidade. E quais são as temáticas que @s estudantes apresentam maiores dificuldades para trabalhar no campo da educação sexual?

A sexualidade está presente em todo o processo de desenvolvimento do cidadão, abrangendo sua vida biopsicosociocultural e isso é perceptível a partir do momento em que o

¹Aluna concluinte do curso de Pedagogia 2018.2 (thaynaroma01@gmail.com)

²Orientador. Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais. (aurinolima@gmail.com)

bebê nasce até o momento da morte. Assim, tratar de sexualidade não está relacionado apenas ao ato sexual e sua biologia, mas inclui também a história, cultura, afetos e sentimentos, dando assim singularidade a cada indivíduo.

Para compreender melhor a abordagem da sexualidade, Jeffrey Weeks (2000, p.40) diz que é “[...] na verdade, ‘uma construção social’, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas”.

A fundamentação que Weeks se baseia é a obra História da sexualidade, volume I “A vontade de saber” de Michel Foucault, que coloca a sexualidade como um dispositivo histórico, que por sua vez constitui-se em:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre os elementos. (FOUCAULT, 2000, p. 244).

A sexualidade é compreendida de forma estrutural, deixando de ser apenas um conteúdo na aula de biologia. Ainda hoje se encontramos professores com uma concepção tradicional, repreendendo @s alun@s quando os mesmos tentam abordar esse tema e se houver uma insistência por parte d@s mesm@s, eles podem ser até ser convidados para retirar-se da sala e conversarem com coordenadores e psicólogos.

A educação sexual não é obrigatória no currículo em etapa nenhuma da vida escolar. Em meados dos anos 80 a necessidade de trabalhar na área de educação sexual aumentou, pela preocupação da incidência de gravidez indesejada e pelos riscos da infecção pelo HIV entre jovens e adolescentes segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997). Porém, os próprios pais criavam uma resistência quando a abordagem era educação sexual na escola, por achar que isso iria interferir nos seus valores religiosos e pessoais.

Em 1997, o MEC criou Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) que tinha como tema transversal “orientação sexual”, que sugere uma “desmitificação” da sexualidade e uma reflexão sobre essa diversidade que se encontra na educação sexual. Porém, esta abordagem é rara de acontecer:

A educação sexual por sua vez encontra-se em uma área tênue do conhecimento em que não se tem ao certo como trabalhar a temática ou sob a responsabilidade de qual profissional ele está destinada, trazendo implicações quanto à legitimidade de inserir o assunto. Nesse sentido, a

abordagem voltada para a biologia é a que ganha maior destaque, sendo por vezes a única forma presente na escola (ALMEIDA; LUZ, 2016, p.17).

A BNCC diz que é necessário quatro eixos norteadores para tratar a abordagem de gênero em sala de aula nos dias atuais:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p.10)

Ambos os temas, sexualidade e educação sexual, ainda não estão bem resolvidos e definidos pelos próprios docentes, sendo evitado na rotina escolar. A base para uma boa formação surge no momento em que os profissionais de grande importância são capacitados:

A formação do educador quanto à produção teórico-científica, que serve de fundamento para se conhecer a criança e o jovem, é imprescindível e tem que ser levada em consideração, mas, além disso, é necessário que ele tenha conhecimento sobre si mesmo, suas características, seus sentimentos, suas inclinações. Agindo assim, o professor está apto a estimular as suas possibilidades, a manifestar seu pensamento, sua inventividade e sua capacidade de captar e expressar seus sentimentos (FIGUERÓ, 2009, p. 44-45).

Quando se tem profissionais despreparados para lidar com situações desse meio, enfrentamos um problema, onde os conceitos surgem do senso comum e das vivências, onde, na verdade, deveria ter uma boa base teórica, para um melhor argumento de quem se depara com dúvidas e curiosidades dos estudantes.

Ao deparar-se com tantos questionamentos sobre a sexualidade na sociedade, Furlani (2011) sugere oito concepções sobre as abordagens contemporâneas para a educação sexual, são elas: Abordagens Biológico-higienista que é restrita apenas ao biológico; Moral-tradicionista que perpetua o pensamento da abstinência entre os adolescentes; Terapêutica é aquela que busca causas e motivos para explicar problemas e anormalidades no sexo; Religioso-radical usa o discurso religioso como uma verdade incontestável, na determinação das representações sexuais; Direitos humanos é baseada na ordem da igualdade, não permitindo a exclusão por meio da sexualidade; Direitos sexuais diz que nos diversos tipos de identidades sexuais, onde é visto um documento político que permite reivindicações e conquistas, de todos os envolvidos; emancipatória nessa perspectiva envolve um pensamento da liberdade de escolhas, onde vai além dos benefícios individuais do aluno, formando um

cidadão crítico e engajado socialmente; Queer diz que não existe um papel essencial ou biologicamente dito na natureza do ser humano, tendo diversas formas de desempenhar esse papel sexual.

Objetivamos compreender as concepções de sexualidade d@s estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco e apontar quais temáticas no campo da sexualidade @s estudantes de pedagogia teriam mais dificuldade em trabalhar.

A seguir, apresentamos os conceitos de sexualidade e educação e as concepções de sexualidade. Logo após, destacamos a metodologia e os resultados.

2 SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Durante muito tempo a palavra sexualidade era tida como um “conjunto de regras” impostas por instituições religiosas e pedagógicas, fazendo assim os indivíduos serem submissos a elas. Com o decorrer do tempo ocorreu uma mudança na forma que os seres humanos se conduziam, dando mais valor aos seus desejos, sentimentos e prazeres. Foucault (1997, p. 100) reafirma isso quando diz que,

[...] não se deve conceber [a sexualidade] como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a uma realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação do conhecimento, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.

Desde o século XVIII a sociedade viveu uma fase onde falar sobre a sexualidade era algo proibido. Onde a sexualidade era resumida apenas ao ato do sexo, vista apenas como uma forma de reprodução do casal. Diante disso, surge a expressão “Interdição, inexistência e mutismo” que retrata a ideologia de Foucault:

As crianças, por exemplo, sabem-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples Lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. (FOUCAULT: 1988, p. 10)

Essa repressão é chamada por Foucault(1988) de “hipótese repressiva”, depois disso ele traz um novo conceito de sexualidade e uma nova hipótese, mostrando que essa verdade ela não pode ser vista de maneira única. E é a partir disso que o autor interroga a hipocrisia da sociedade.

Foucault(1988) fala que apenas o fato de falar sobre sexo enquanto forma de produção de uma verdade do indivíduo representa-se como uma prática implicada nas relações de poder-saber, e não o oposto, como a hipótese repressiva prevê.

Isso não quer dizer que o sexo não seria reprimido, e nem que todo esse processo foi uma ilusão. Foucault só sugere que ao ser questionado a centralidade de proibição do sexo na construção do sujeito moderno, o mesmo consiga mais do que um simples “não” e ficar sem a resposta que seria esclarecedora para o entendimento do sujeito.

É a partir de Michael Foucault que a sexualidade passa a ser entendida como uma construção social e cultural de cada indivíduo, seja ela de caráter tradicional ou não. Mesmo com os avanços e suas tecnologias com o decorrer do tempo, tem pessoas que não falam sobre o assunto, tem um tabu, isso se dá por meio dessa cultura que temos.

Foucault(1988, p.51) ainda diz que,

A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introdu-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem, natural da desordem. Exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo.

É notório a importância que a escola tem na construção social de sexualidade. Porque é na escola também que se reproduzem as representações de sexualidade e quando não ocorre isso pode acarretar em uma criação de estereótipos e preconceitos, o que termina gerando situações conflituosas entre @s estudantes.

Ao falar de educação sexual, a escola é umas das instituições responsáveis por tentar diminuir a questão do preconceito, fazendo com que @s estudantes tenham uma maior interação com o outro, aprendendo a lidar com as diferenças. Como Figueiró diz:

Sempre que interagimos com uma pessoa, seja ela, criança, adolescente, adulto ou idoso, e lhe ensinamos algo (mesmo que não intencionalmente) a respeito da sexualidade, do corpo e do relacionamento humano, estamos educando sexualmente. Assim, ensinamos por meio de nossas atitudes, de nossos exemplos, de nossa forma de nos relacionarmos com o outro e de

como nos portamos como homens ou como mulheres. (FIGUEIRÓ, 2007, p.26)

Atualmente as questões sobre sexualidade ainda geram polêmicas e por serem tabus, não são tratadas de “forma natural”, porque a sociedade ainda é bastante conservadora e determina os valores que as famílias receberam dos seus antepassados e vão passando de geração em geração, logo, dificulta todo o trabalho que possa ter relacionado a educação sexual. Mas cabe a instituição de ensino fazer parcerias com as famílias para que isso comece a ocorrer de “forma natural” e simples.

Partindo do pressuposto de que a sexualidade se manifesta em qualquer espaço que o indivíduo esteja, destaca-se essa importância da discussão de sexualidade na escola, onde os educadores estão comprometidos de modo que favoreça a formação d@s estudantes, indo além apenas do conteúdo que é imposto para eles na grade curricular:

A escola configura-se como mais uma instância onde circulam saberes sobre o corpo e a sexualidade. Nós professores, estamos comprometidos diretamente com a (de) formação dos corpos dos estudantes. Portanto não somos meros observadores. [...] Participamos desse processo de (des) construção das identidades, com o que falamos, ensinamos (com nossa presença) e também com o que silenciemos (por nossa ausência), (MEYER; SOARES, 2008, p. 70-71).

Com isso, nota-se a importância da abordagem da sexualidade na educação, nas escolas e no quanto @ profissional precisa está preparado para abordar essa temática. É a partir disso que tem-se a necessidade de compreender um pouco sobre os perfil d@s futur@s docentes.

2.1 Concepções de sexualidade

Segundo Furlani (2008),temos oito tipos de abordagens contemporâneas para se pensar à sexualidade.

A primeira abordagem que Furlani (2008) explica, é a Biológica-Higienista. Essa abordagem traz no seu conceito a certeza de que a biologia é única e essencial para a sociedade. Tem uma forte característica que é a centralidade ao ensino na questão de promover a saúde e prevenir as DSTs, a gravidez indesejada, a reprodução do ser humano, onde a diferença entre o homem e a mulher vem dos atributos corporais, podendo ocasionar os diversos tipos de preconceitos, como o machismo, sexismo, homofobia, misoginia e retrata também um currículo bastante limitado, onde tem que dar conta apenas do conteúdo programático. Para Furlani(2011, p. 16):

Essa abordagem, restrita ao biológico, sempre esteve presente no trabalho da educação sexual na escola, através das aulas de ciências e biologia. Sua crítica maior reside não na sua presença (que sob o ponto de vista da saúde sexual é necessária), mas no fato de ser exclusiva –implicando um currículo limitado e reducionista.

E um ponto negativo dessa abordagem é justamente por enfatizar apenas a prevenção de DSTs e riscos de gravidez, que termina deixando de lado o ponto que não tem ligação com as doenças e perigos, como por exemplo, a construção do ser em relação a educação sexual.

A segunda abordagem da educação sexual é a Religiosa-Radical, sua maior característica está no apego às interpretações que os seres humanos têm diante da Bíblia, usando o discurso de que a sua verdade é incontestável, que regula a vida dos fiéis, pregando a castidade e com um discurso que tem o lado normal e anormal da sexualidade. O sexo quando praticado antes do casamento, ou, por pessoas em uma relação homoafetiva são considerados pecados. Para Furlani (2011, p.20) a concepção também está “Presente em instituições e/ou escolas religiosas, essa educação sexual e afetivas de homens e mulheres costuma ocorrer em encontros grupais ou individuais, em estudos bíblicos ou em pregações coletivas”.

Então Furlani (2005) faz questão de frisar que o Brasil tem uma base religiosa bastante forte, tanto de igrejas evangélicas, como a católica. E em ambas as religiões o discurso é praticamente o mesmo, onde a igreja tem o poder de estabelecer regras e controle sobre a vida sexual e a sexualidade do cristão.

Em seguida, Furlani (2008) traz uma outra abordagem, que é a educação sexual Moral-Tradicionista, que tem como eixo principal a abstinência sexual, dizendo que é a única forma de prevenir doenças e uma gravidez indesejada. E nesse campo o principal mediador é a família que tem como responsabilidade a educação sexual, que por sua vez prefere evitar o assunto, sendo assim, ocultando informações, sem discutir modos de prevenção, estimulando a discriminação baseada no sexo e na orientação sexual.

E em ambas abordagens (religiosa radical e moral tradicionalista) a família tem um papel fundamental, mesmo sendo presente ou não, pois reflete no andamento das atividades escolares, tanto na implementação ou continuidade de atos referentes a educação sexual.

A abordagem Terapêutica, segundo Furlani (2008) está voltada para o caráter psicológico do indivíduo. E é onde os sujeitos “buscam causas” para explicar as situações de vivências sexuais que são ditas como “anormais” ou para alguma tipo de “problema sexual”, tendo como promessa a “cura”. Essa abordagem apresenta algumas conclusões que são de

feito simplista e imediatista, genéricas e universais para os acontecimentos da vida sexual, vendo essas vivências como um problema, mas que oferece uma forma de cura.

Furlani diz que na verdade, a maior preocupação dessa abordagem é a questão da homossexualidade, porque os meninos são quem mais sofrem com a questão da discriminação. É a partir desse preconceito que surge a cura, por meio de tratamentos terapêuticos ligado a psicologia ou a própria religião. Uma outra característica dessa abordagem é que dizem que os meninos só se tornam homossexuais porque não tem referência masculina por perto, isso é decorrente de algum bloqueio que @menin@ teve quando mais nov@

A percepção ainda trata a homossexualidade como uma doença, que tem cura, gerando assim a discriminação e o preconceito. E para finalizar, acham que o homossexualidade é “anormal” não está presente no discussão do cotidiano escolar, fazendo assim, o aluno a ser mais retraído e terminar sofrendo mais pela sua sexualidade. Salientando também que essa mesma repressão acontece com meninas.

Uma outra concepção é a Queer, que segundo Furlani (2008) vem de uma corrente teórica que está ligada a um grupo de marginais, que começam a usar esse termo em meados dos anos 90 dando um sentido de “viadinho, sapatão, mariconha, mari-macho”.

A abordagem Queer é considerada por não ter um gênero ou sexualidade fixa que evidencie como algo “normal” ou “anormal”, pois não propõe nenhuma forma de normatividade que tragam estereótipos. Assim, as diversas identidades sexuais poderão ser inseridas nos ambientes escolares e não sofreriam preconceitos ou julgamentos. Ela deixa de lado o modelo binário que é quando @ indivíduo não se limita apenas ao gênero feminino ou masculino, porque cria uma nova forma de olhar as dimensões sexuais. O modelo binário é deixado de lado tanto para o homem, a mulher e a heteronormatividade:

Nesse sentido parece-me que talvez o primeiro aspecto de uma pedagogia queer escolar consista na crítica desconstrutiva da educação dominante que apresenta a heterossexualidade como identidade hegemônica, compulsória e incontestável. (FURLANI, 2005, p. 240)

Uma das representantes da teoria, Guacira Lopes Louro (2004) diz que essa abordagem traz um certo incomodo quando se trata da sua aceitação, pois indaga questões tradicionais e modelos pré-estabelecidos de sexualidade, deixando os antigos conceitos desestabilizados.

No Brasil a abordagem Emancipatória foi pautada pela educação emancipatória. Quando Paulo Freire escreveu e formulou a “Pedagogia do Oprimido” baseou-se em uma educação libertadora, e isso foi utilizada em diversos contextos, como, a escolarização formal, nos sindicatos, nos partidos políticos ou movimentos sociais. As teorias de Paulo Freire foram de grande importância para lutas da sociedade com menos desigualdades.

Na obra “Pedagogia do Oprimido(1994) “torna-se sujeito pleno” é “aprender a pronunciar a sua própria palavra”. Foi apenas em 1990 que foi perceptível o crescimento da educação emancipatória no Brasil. A abordagem emancipatória na educação oferece meios para que o sujeito consiga criar seus próprios mecanismos, relacionando o “eu” a consciência, que termina permitindo a liberdade de escolha, partilhando um pouco da declaração dos Direitos Sexuais como um rumo seguro.

A abordagem dos Direitos Sexuais é baseada na liberdade, dignidade e igualdade para todos, sendo assim uma parte integral da formação de todo o sujeito. E nesse direito estão a autonomia sexual, a liberdade, a integridade, o prazer, a justiça, a expressão emocional, a livre escolha do parceiro, educação sexual integral, etc. Incluem o direito, de ser livre para viver sua sexualidade, sem medo ou remorso, com uma livre expressão dos desejos. Ter direito de viver sua vida sexual independentemente da idade, condição física e estado civil. Outro fator importante é a escolha do/da parceiro/a sexual, tendo a liberdade e a autonomia como o eixo principal. Um outro ponto importante é viver a sexualidade livre de violência, coerção e discriminação e com total respeito ao outro.

A abordagem dos Direitos Humanos vem para discutir e problematizar as representações negativas que são impostas aos sujeitos e as identidades de cunho excluído, seja por classe, etnia, sexo, gênero, sexualidade, etc. E é por estar vinculada aos direitos humanos que visa uma sociedade com menos desigualdade e uma sociedade onde respeite o outro.

3 METODOLOGIA

A pesquisa segue uma perspectiva qualitativa e foi realizada mediante a aplicação de questionários a 28 estudantes de Pedagogia da UFPE, no intuito de mapear as suas concepções de sexualidade, assim como as temáticas que sentiriam dificuldades em desenvolver em sala de aula.

Do ponto de vista operacional esta pesquisa contemplou três momentos descritos a seguir:

O 1º momento, contato com os participantes e aplicação do questionário com duas perguntas: 1) O que compreende por sexualidade e 2) Quais são as três temáticas que você teria mais dificuldade de trabalhar na área da educação sexual? que contemplavam os objetivos da pesquisa. Seguindo os devidos trâmites éticos, foram assinados o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE.

O 2º momento, organização dos dados dos questionários para análise.

No 3º momento, Análise dos dados, o sistema de análise dos dados se deu através da análise de conteúdos de Minayo (2010, p. 75) que:

“[...] pode abranger as seguintes fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. [...] Analisamos o conteúdo da mensagem como nossa unidade de registro, essas unidades se referem aos elementos obtidos através da decomposição do conjunto de mensagens”.

Assim, a primeira questão de cada questionário foi submetida, individualmente, aos seguintes procedimentos: Na 1º fase Organizamos o material em consonância com os objetivos e categorias. “Para isso, faz-se necessário que façamos uma leitura do material no sentido de tomarmos contato com a estrutura, descobriremos orientações para a análise e registros impressões sobre a mensagem” (MINAYO, 2010, p.76).

A 2º fase é o “[...] momento é de aplicarmos o que foi definido na fase anterior. É a fase mais longa. Pode haver necessidade de fazermos várias leituras de um mesmo material” (MINAYO, 2010, p.76).

A última fase deve se tentar “desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Sem excluir as informações [...], nossa busca deve se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando” (MINAYO, 2010, p.76).

Ao final deste processo, organizamos as Unidades Temáticas a partir das convergências, de maneira que chegamos a seis grandes blocos de categorias abertas: Biológica-higienista, Moral-tradicionalista, Direitos Humanos, Direitos sexuais, emancipatória e híbrida que congregam as redes de unidades temáticas sobre as concepções dos participantes sobre a sexualidade.

Na segunda questão, realizamos um levantamento das percentagens das temáticas da sexualidade mais difíceis de serem trabalhadas em sala apontadas pelos estudantes investigad@s, no intuito de refletirmos sobre os seus processos formativos.

4 RESULTADOS

Nesta secção apresentamos os resultados desta pesquisa. Inicialmente, destacamos o perfil dos participantes, seguidos das concepções de sexualidade e das temáticas da sexualidade mais difíceis de serem trabalhadas pel@s estudantes.

O quadro 1 apresenta a caracterização dos alunos participantes da pesquisa. Nela constam informações como idade, período, sexo/gênero e religião.

Quadro 1- Perfil Sociodemográfico

Participantes	Idade	Período Do curso De pedagogia	Sexo/ Gênero	Religião
P1	23	10º	M	Nenhuma
P2	20	7º	F	Católica
P3	27	9º	F	Católica
P4	22	7º	M	Cristão
P5	58	10º	F	Católica
P6	23	9º	F	Nenhuma
P7	36	10º	F	Católica
P8	20	2º	M	Agnóstico
P9	24	10º	M	Cristão
P10	31	1º	F	Nenhuma
P11	27	10º	F	Cristã
P12	28	9º	F	Católica
P13	22	10º	F	Católica
P14	33	10º	M	Católico
P15	28	10º	F	Evangélica
P16	37	8º	F	Evangélico
P17	40	10º	F	Nenhuma
P18	30	5º	F	Espirita
P19	22	7º	M	Evangélico
P20	37	4º	F	Católica
P21	51	6º	M	Católico
P22	20	1º	M	Católico
P23	24	7º	M	Nenhuma
P24	24	10º	F	Evangélica
P25	42	6º	M	Nenhuma
P26	22	9º	F	Nenhuma
P27	40	7º	F	Evangélica
P28	22	6º	F	Evangélica

Fonte: a autora

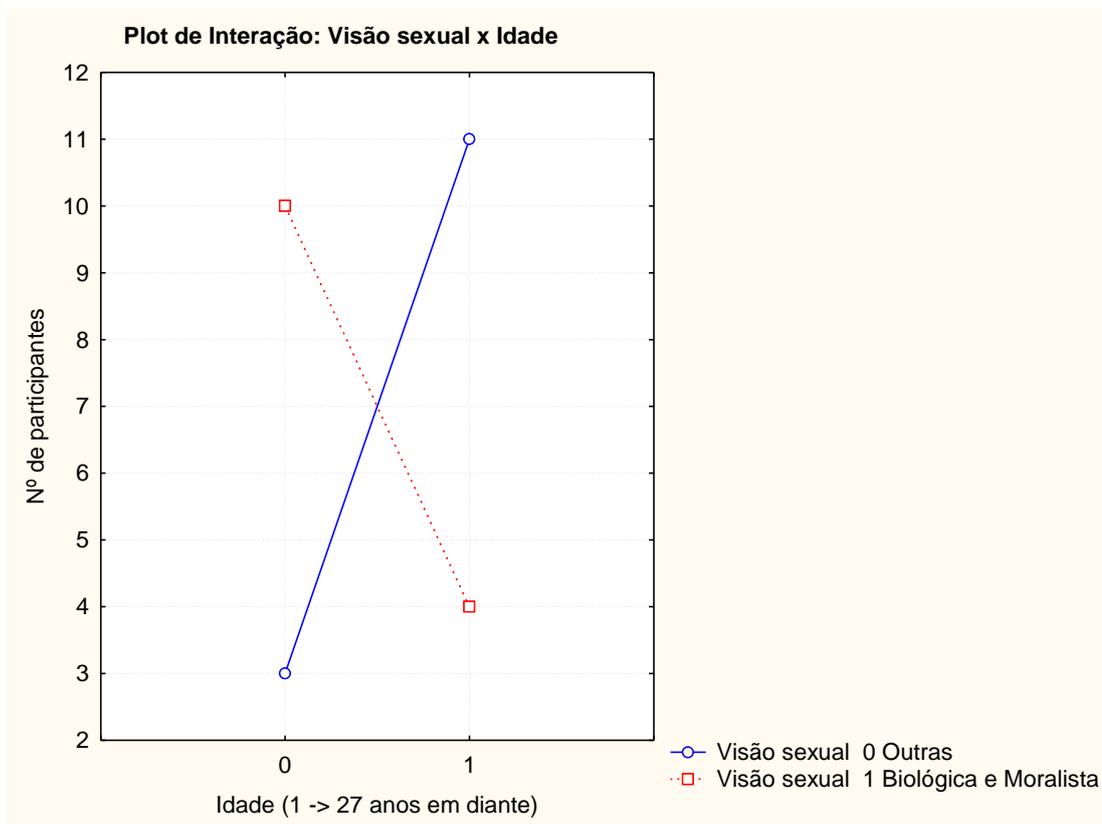
Como visto no quadro acima, aplicamos 28 questionários válidos, junto a estudantes de diversos período do curso de pedagogia, sendo dez alunos do décimo período, quatro alunos do nono período, cinco alunos do sétimo período, três alunos do sexto período, um do quinto período, um do quarto, um do segundo e dois do primeiro período. Na faixa etária de 20 e 58 anos, sendo a média de idade 28,2 anos. No tópico sexo/ gênero dezoito foram do gênero feminino e dez do masculino. No tópico religião, totalizamos dez católicos, seis evangélicos, sete sem religião, um agnóstico, três cristãos e um espírita.

Tabela: Estatísticas descritivas das variáveis do estudo (N=28)

Variável		n	%
<i>Sexo</i>	Masculino	10	35,7
	Feminino	18	64,3
<i>Religião</i>	Nenhuma	7	25,0
	Católica	10	35,7
	Cristã	3	10,7
	Agnóstica	1	3,6
	Evangélica	6	21,4
	Espírita	1	3,6
<i>Visão</i>	Biológica-higienista	7	25,0
	Moral-tradicionista	3	10,7
	Direitos Humanos	5	17,9
	Direitos sexuais	7	25,0
	Emancipatória	4	14,3
	Híbrida	2	7,1
<i>Período do curso (até o 7º)</i>		13	46,4
		Média	Desvio-padrão
<i>Idade</i>		29,8	9,74

Uma sequência de testes qui-quadrado foi realizada para verificar a independência entre a variável de interesse (visão da sexualidade) e as demais, que foram categorizadas da seguinte maneira. A variável idade foi dicotomizada em participantes com 27 anos ou mais e os demais; a variável sexo manteve a dicotomia homem/mulher; a variável período foi dicotomizada em até o 7º período e 8º em diante; a variável religião foi dicotomizada em agnósticos e sem religião e os demais. Na primeira sequência, mantendo todas as 6 visões de

sexualidade, nenhuma relação foi observada. Mas quando se agrupou as visões biológica-higienista e moral-tradicionalista em uma só, apareceu uma relação de dependência ($X^2=7,04$, $p=0,008$) entre esta visão e a idade, com os participantes mais jovens tendendo a visionar a sexualidade nessas perspectivas. O gráfico abaixo exemplifica esta relação.



4.1 Concepções de sexualidade de estudantes do curso de pedagogia

Nos 28 questionários analisados, levantamos seis categorias que tratam das concepções de sexualidade d@s estudantes de pedagogia. Estas categorias serão descritas a seguir:

4.1.1 Biológica- higienista

Sete estudantes tem uma concepção mais biológica da sexualidade. Estas concepções têm na biologia o único meio para explicar e relacionar a sexualidade, ignorando o contexto sociocultural que a envolve. Enfatiza a busca da promoção da saúde através de discussões sobre DSTs, gravidez indesejadas, reprodução do ser humano, relação sexual e atributos corporais, distinguindo os homens das mulheres a partir de atributos biológicos, como por exemplo “São características físicas de cada sexo e que pode gerar sentimentos, como a paixão, o prazer, a relação entre os sujeitos.”(Participante 26).A questão do desejo sexual também é posta num horizonte biológico, no qual “As relações que ocorrem entre pessoas e seus corpos. Individual ou com outro” (Participante 2). Logo após, o participante 6 também

fala sobre a relação sexual numa perspectiva de comportamentos, no qual o desejo está em evidência, em “Comportamentos demonstrados em relação ao desejo sexual”.

Em outro questionário, o estudante reafirma o que os participantes anteriores falam da sexualidade como ligada apenas ao desejo como comportamento, “Um conjunto de comportamento que tem por fim, o desejo, o apetite sexual.” (Participante 22). Quando o participante fala sobre relação entre os corpos é notório a percepção biológica que eles têm sobre a sexualidade. Por isso, Furlani (2011, p.16) diz que

[...] é aquela que é considerada por muitas/os a prevalente(e ate mesma a única) nas ações educacionais voltada a discussão do desenvolvimento sexual humano no contexto, sobre tudo, da escolarização formal. Costuma conferir ênfase na biologia essencialista (baseada no determinismo biológico) e é marcada pela centralidade do ensino como promoção da saúde, da reprodução humana, das DST's, da gravidez indesejada, do planejamento familiar, etc.”

As respostas desses participantes estão atreladas a essa concepção. E como Furlani fala, temos algumas centralidades na abordagem biológico-higienista, fazendo assim as respostas se encaixarem nesta abordagem..

Um outro conceito que também está relacionado ao biológico-higienista é “Acredito que venha a ser algo natural, espontâneo do indivíduo, algo que deve ser respeitado, abordado como um conhecimento a mais da formação humana.”(Participante 17), onde é perceptível que a sexualidade é algo natural para todos, onde os indivíduos passam por esses estágios que está apenas relacionado ao corpo humano para que tenha uma boa formação. A concepção também está associada aos comportamentos afetivos e sexuais, que tem o corpo como elemento central.

4.1.2 Moral-tradicionalista

Nessa abordagem, sete participantes tiveram uma concepção que estava mais relacionada com a moral-tradicionalista. Na qual, o eixo norteador, nada mais era que visões conservadoras da sexualidade e a abstinência sexual, onde essa seria a única forma da prevenção a doenças e gravidez indesejadas. Uma outra característica é quando a família é o principal mediador do indivíduo para informar e educar, mas na verdade na abordagem moral-tradicionalista, os responsáveis preferem ocultar informações e deixar de esclarecer dúvidas das crianças, jovens e adultos. Furlani(2011, p18) diz que “ a existência dessa abordagem moral-tradicionalista aponta, mais uma vez, para o caráter múltiplo da sociedade que, ao mesmo tempo, convive com distintos discursos sobre sexualidade e estilos de vida sexual.”

Quando o indivíduo só consegue associar a sexualidade apenas “orientação sexual de alguém” (participante 8) é perceptível toda a influência que ele teve de uma geração antiga e mais tradicional. Para o participante 13 a sexualidade “define a forma que o indivíduo se percebe no mundo, seus comportamentos afetivos e lógico, sexuais.” A concepção também está associada aos comportamentos afetivos e sexuais, já que necessita da afetividade como instrumento de prazer. O participante 15 retrata a mesma necessidade que o participante anterior: “É a compreensão que o indivíduo possui sobre sua vida amorosa e sexual.” Já o participante 21 fala que, “Entendo que são traços íntimos do ser e que se manifesta em cada indivíduo de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo.” Onde as experiências também fazem parte do contexto, já que muitas coisas estão associadas ao contexto e as suas experiências vividas.

Durante o processo, é notório a quantidade de participantes que retratam a questão apenas do desejo,

Eu compreendo sexualidade como um conjunto de comportamentos relativos a satisfação da necessidade e do desejo sexual de cada pessoa , relacionando também um pouco de cultura, religião e o do biológico. Que também está relacionada a identidade de gênero do indivíduo. (Participante 19)

Mesmo tendo essa grande quantidade de alunos com um pensamento moral-tradicional. A concepção abordada também retrata um pouco a questão do sexo e a forma que o indivíduo se ver, por exemplo, “Acho que a sexualidade está direcionada para vários nortes, como o sexo da pessoa e a forma como o indivíduo se enxerga.” (Participante 20).

Sobre essa concepção é notório que os eixos que norteiam estão baseados no ato sexual, orientação, estado civil, etc. Sendo assim, @s participantes tem uma concepção de abordagem moral-tradicional, onde essa falta de interesse vem a partir de vivências tradicionais, como Furlani (2011, p.18) fala, “outro aspectos causador de muitas críticas contrárias a essa educação sexual é a discriminação estimulada por ela, baseada no sexo, na orientação sexual, no estado civil, na raça e na classe social.”

4.1.3 Direitos Humanos

A abordagem dos direitos humanos tem três alunos que se encaixam nessa concepção. Ela visa problematizar todas essas representações negativas que são colocados para os indivíduos de maneira que se sintam excluídos, por diversos meio, principalmente a sexualidade, como por exemplo: “Que a sexualidade é algo que está presente em todo ser

humano e que a sexualidade é diferente de sexo.”(Participante 7) É a partir dessa diferenciação entre sexo e sexualidade que o participante se encaixa nesse perfil.

E é por estar atrelada aos direitos humanos que visa uma sociedade com uma menor desigualdade, independente do que o ser humano achar que é. Fala um pouco sobre a liberdade de escolha. o direito como cidadão. Como por exemplo, “Tudo que remete ao indivíduo, seja do sexo biológico até a liberdade de escolha.” (Participante 24)

A “Descoberta de si mesmo como ser humano” (participante 3) está indiretamente ligada ao modo de como as pessoas se sentem para descobrir seu corpo e suas necessidades, sendo livre para fazer as escolhas que lhe convém.

Ao analisar cada resposta que se enquadra nessa concepção, pode-se perceber todas as respostas falam sobre liberdade do direito do ser humano. Furlani(2011,p.24) retrata que,

[...] a educação sexual baseada na abordagem dos direitos humanos que fala, explícita, problematiza e destrói as representações negativas socialmente impostas a esses sujeitos e as suas identidades excluídas. Trata-se de um processo educacional que é assumidamente político e comprometido com a construção de uma sociedade melhor, menos desigual, mais humana”

4.1.4 Direitos sexuais

Na abordagem dos direitos sexuais, cinco participantes se encaixaram nesse perfil. Essa abordagem retrata a liberdade e a igualdade, logo, observa-se uma formação integral do indivíduo, como,

A sexualidade é parte inerente a todo o ser humano. Por ser muito abrangente abarca diferentes fatores que vão desde a questão biológica, atitudinal, concepção e valores que expressam a intencionalidade dos seres humanos de acordo com as experiências vivenciadas por cada um deles. A sexualidade está ligada à fatores genéticos inerentes ao corpo, ao prazer, etc.. assim como está também ligada aos fatores culturais onde a manifestação de sua expressão pode sofrer influências diferenciadas no campo social”. Dentro do direito tem alguns tópicos que devem ser pontuado, como, a liberdade sexual, autonomia, o prazer, expressão emocional. (participante 16)

A concepção dos direitos sexuais também abordar a “Identidade sexual, ideologia e sexo” (participante 10). O participante 5 fala da liberdade de escolher o que você quer independente do gênero, “sexualidade é conhecer a si mesmo, o que faz sentir prazer independentemente se é pelo sexo oposto ou mesmo sexo”(Participante 5).

A sexualidade na concepção dos direitos sexuais pode ser compreendida como várias formas comportamental, como, “compreendo a sexualidade como um conjunto de

comportamentos relativos a satisfação da necessidade, do desejo sexual de cada pessoa e também está relacionada ao meio social e cultural e religioso.”(participante 4).

Todas as respostas que se enquadram nessa concepção estão automaticamente relacionada ao que Furlani diz quanto a concepção de sexualidade por um viés de liberdade e direito do ser humano como um todo:

Sexualidade é uma parte integral da personalidade de todo o ser humano. Seu desenvolvimento total depende da satisfação de necessidades humanas básicas, quais sejam: desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho e amor. A sexualidade é construída através da interação entre o indivíduo e as estruturas sociais. O total desenvolvimento da sexualidade é essencial para o bem-estar individual, interpessoal e social. Os direitos sexuais humanos universais são baseados na inerente liberdade, dignidade e igualdade de todos os seres humanos. (FURLANI 2011, p. 24-25)

4.1.5 Emancipatória

Na abordagem emancipatória, quatro alunos que se encaixaram nas características. Pois ela busca a criação dos seus próprios mecanismos, permitindo a liberdade de escolha do indivíduo. Retrata também a questão da Identidade sexual (participante 11) onde cada um consegue perceber-se para si mesmo, sendo livre de todos os processos preconceituosos.

Tratar da sexualidade de forma livre e libertadora é deixar que “o gênero, as formas de vivências da sexualidade”(participante 18) e ao simples fato de estar relacionada ao ser humano sejam um dos principais eixos norteadores.

A concepção emancipatória traz o esclarecimento dos tabus e dos preconceitos que a nossa sociedade possui. E associando essas respostas dos participantes pode-se compreender que,

A educação sexual deve estar voltada ao esclarecimento de tabus e preconceitos existentes na sociedade, promovendo o respeito à liberdade de expressão e de orientação sexual, abrindo espaço para a discussão de conceitos e problemas da adolescência, como namoro, sexo seguro, gravidez, aborto, orientação sexual, abusos sexuais, violência, responsabilidade, maturidade e afetividade (BONFIM, 2012, p. 71).

4.1.6 Híbrida

Tiveram dois participantes que se identificaram com duas ou mais concepções, daí terem sido classificados de híbridos. Como por exemplo, o participante 14 diz que “Está atrelada ao desejo, a personalidade, ao carinho e respeito ao outro independente de gênero

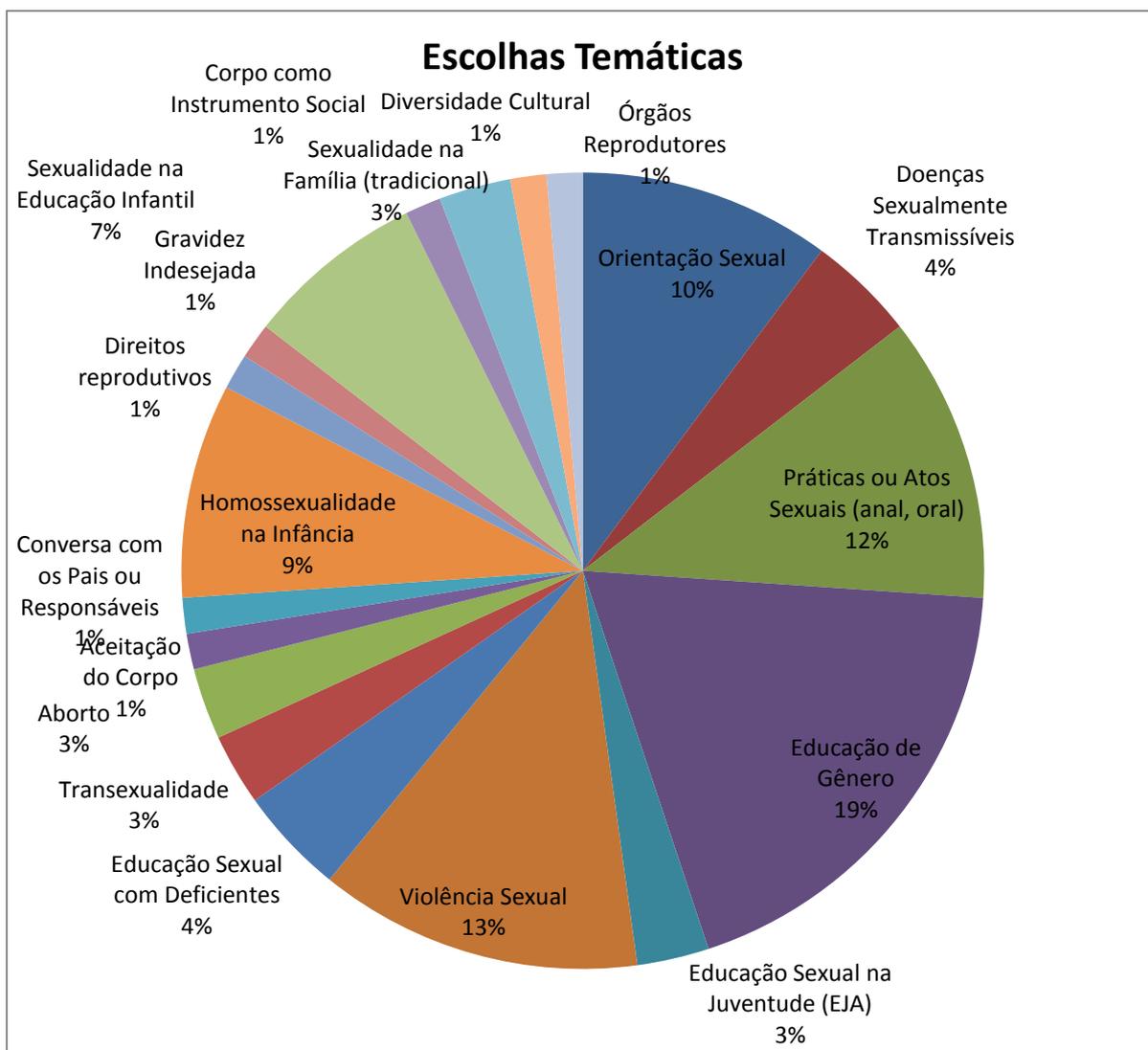
sexual. Tem a ver com liberdade de escolhas, um direito fundamental do ser humano.” Relacionando-se assim a dois tipos de abordagens, a dos direitos humanos e a dos direitos sexuais. Os direitos estão interligados. Já o participante 25 fala que “Sexualidade é algo onde vemos a sexualidade do outro, a reprodução do ser e isso só acontece após o casamento.” Que se encaixa nas três concepções que automaticamente estão interligadas, biológico-higienista, moral-tradicional e religioso-radical.

Em síntese, percebemos que mais da metade d@s participantes apresentam uma visão mais conservadora da sexualidade, relacionando-a a uma visão biológica ou moral tradicional, enquanto 13 participantes apresentam concepções que envolvem uma maior complexidade nos estudos da sexualidade, incluindo-a no âmbito dos direitos e promotora de emancipação.

4.2 Temáticas mais difíceis de serem abordadas pel@s participantes

Os temas que @s participantes teriam maior dificuldade em abordar em sala de aula foram: Educação de gênero, práticas ou atos sexuais (anal, oral), violência sexual, orientação sexual, homossexualidade na infância, sexualidade na educação infantil, como pode-se ver a seguir.

Figura 1: Escolhas Temáticas



Fonte: A autora

Quando se trata de abordar questões de gênero em sala de aula, temos expresso a visão conservadora que busca retirar estes debates do espaço formativo. Toda pressão para excluir esta temática do espaço educacional parece aumentar o medo em lidar com o tema por parte dos futuros profissionais de educação, além de suas crenças conservadoras, pois como indica Guacira Louro (2007) há uma crença de que se o assunto não for abordado em sala, as crianças e jovens não manifestarão sua sexualidade na escola e @s educadores estariam protegid@s. A escola reflete e reproduz as próprias concepções conservadoras de gênero e sexualidade da sociedade.

Um outro tema que @s alun@s disseram ter mais dificuldades foi a violência sexual, justamente porque ainda é um assunto que mexe com o pensamento tradicionalista e que mais uma vez está inserido na relação da concepção e da temática que el@s acreditam ter mais dificuldades. Christian H. Kristensen (1998, p.33) define violência sexual como “todo ato ou

jogo sexual entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa”. Isso ainda é algo que as pessoas não conseguem compreender e esclarecer de forma, mas com receios.

Um outro tema que el@s mostraram ter dificuldades, são as práticas sexuais, práticas essas que saem da linha tradicional, no caso são os atos anais, orais, etc. Como isso vai de acordo com uma outra linha de pensamento, no caso de uma concepção mais libertária, é claro que será uma problemática abordar esse tema.

@s participantes também mostraram outras temáticas que tem ou terão dificuldades de trabalhar em sala, tais quais, orientação sexual, diversidade cultural, sexualidade na família tradicional, corpo como instrumento social, sexualidade na educação infantil, gravidez indesejada, direitos reprodutivos, homossexualidade na infância, conversas com os responsáveis, aceitação do corpo, transexualidade, aborto, educação sexual para deficientes, órgãos reprodutores e doenças sexualmente transmissíveis

7 CONCLUSÃO

@s estudantes do curso de Pedagogia da UFPE investigad@s parecem ter uma percepção mais tradicional do que é sexualidade. Seja ela relacionada ao biológico, a moral tradicional ou a concepção religiosa radical. Essas concepções mostram o corpo como o objeto sexual ou como apenas o corpo humano, no que se refere à biologia, também, a família e a religião como único eixo norteador da sexualidade. Isso nos remete a uma concepção mais conservadora.

Alguns participantes trouxeram uma visão mais complexa do estudo da sexualidade, assim, como dois tinham uma percepção híbrida da sexualidade.

Observa-se que as temáticas da sexualidade que @s estudantes disseram que mais sentiriam dificuldades em abordar está associada a sua concepção mais tradicional. Pode-se ver um grande número quando se trata da questão de como abordar a educação de gênero, práticas ou atos sexuais que saem desse tradicional, como por exemplo, sexo anal e oral. O que remete mais uma vez ao tradicional, deixando de lados as concepções com uma visão mais libertadora, onde as pessoas têm seus direitos.

Ver o cenário da educação como um lugar em que deveria existir a liberdade para construção de um pensamento crítico em relação a sexualidade, vai depender, não só d@s futur@s pedagog@s, mas sim, de uma alteração da mentalidade excessivamente conservadora da sociedade. No entanto, o incentivo a educação sexual d@s profissionais da área

educacional continua sendo fundamental para ampliarmos processos de resistência a todos as formas de opressão e exclusão.

Espera-se que essa pesquisa tenha contribuído para uma melhor compreensão das concepções de sexualidade, diante da perspectiva d@s estudantes, do curso de pedagogia e também para que @s docentes analisem um pouco mais sobre a temática de sexualidade, tratando isso de forma crítica, para que a partir disso seja possível uma melhor educação sexual.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K.D.; LUZ, N.S. **Educação Sexual: uma discussão para a escola?**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.
- BONFIM, C. **Desnudando a Educação Sexual**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: orientação sexual**. V. 10.5. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: Acesso em: 22 out. 2016.
- FIGUEIRÓ, M.N.D., org. **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009. Disponível em: Acesso em: 22 out. 2016.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT. **Sobre a História da sexualidade**. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª Edição. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.
- FURLANI, J. **O bicho vai pegar! um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. 272 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- FURLANI, J. **Abordagens contemporâneas para educação sexual**. In: FURLANI, Jimena. (organizadora). *Educação sexual na escola: equidade de gênero, livre orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito as diferenças*. Florianópolis: UDESC (fundação Universidade do Estado de Santa Catarina), 2008.

- FURLANI, J. **Encarar o desafio da educação sexual na escola.** In: Sexualidade/ Cadernos temáticos. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de gênero e Diversidade sexual. – Curitiba: SEED – Pr., 2009.
- FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, 1998 e 2004.
- LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- KRISTENSEN, Christian Haag. **Violência Doméstica.** Porto Alegre: Fundação Maurício Sirotsky; AMENCAR, 1998.
- MEYER, D.; SOARES, R. (orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade.** 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisasocial: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- WEEKS, J. **O corpo e sexualidade.** In: LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.